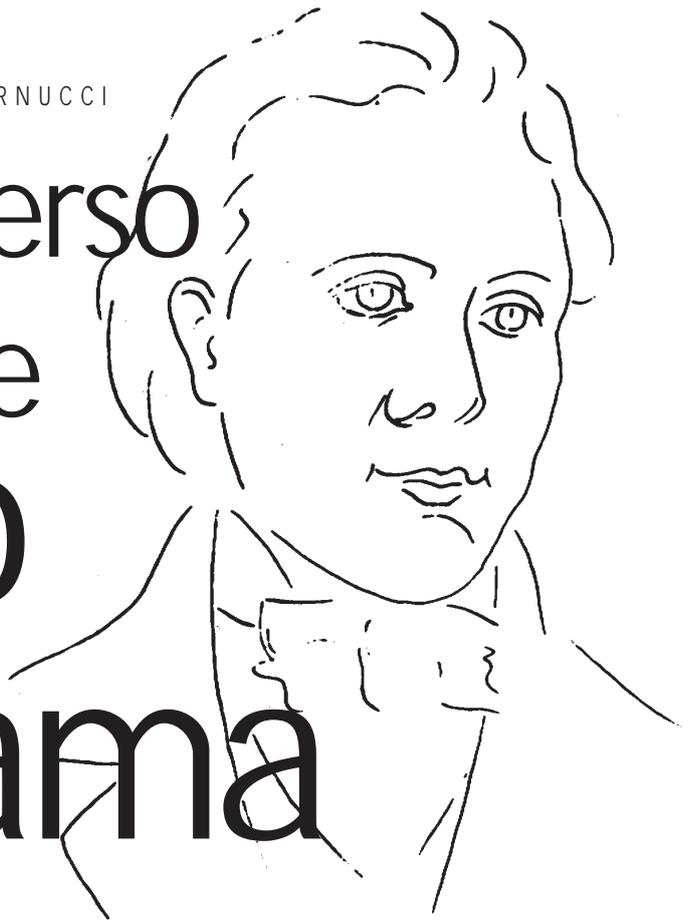


# O universo de Basílio da Gama

LEOPOLDO M. BERNUCCI



Um único poema, *O Uruguai*, seria suficiente para medir toda a força poética de Basílio da Gama. O autor mineiro ficou conhecido entre nós principalmente por sua epopéia em cinco cantos, publicada pela primeira vez em 1769. As razões do êxito desse poema, tanto no Brasil como em Portugal, transcendem as meras questões de qualidade artística dos seus versos e chegam a tocar num ponto forte da matéria cantada: a exaltação dos índios guaranis justaposta à dos colonizadores portugueses em época de Voltaire. Foi esta tentativa de equilíbrio, dentro daquele espírito libertador pré-romântico de Basílio, que deve ter chamado a atenção de um respeitável transcriador de obras estrangeiras, sir Richard Burton. Sabe-se que o célebre tradutor das *Mil e uma Noites*, em seus dias de diplomacia em Santos, dedicou pelo menos um par de anos (1865-67) à versão inglesa de *O Uruguai*. Isto prova já um reconhecido valor universal do poema que começava a cruzar as nossas fronteiras lingüísticas. Dele se conhece até hoje quinze edições e, com toda probabilidade, foi o poema que animou o espírito de José Veríssimo à realização da primeira edição das obras de Basílio em 1920.

Passados mais de duzentos anos, as obras poéticas de Basílio da Gama reaparecem agora numa edição primorosa, do ponto de vista crítico e editorial, de autoria de Ivan Teixeira.

**LEOPOLDO M. BERNUCCI** é professor da University of Colorado.

*Obras Poéticas de Basílio da Gama*, de Ivan Teixeira, São Paulo, Edusp, 1996.

*Acima, retrato idealizado de Basílio da Gama, feito por Tarsila do Amaral (coleção José Luís Garaldi)*

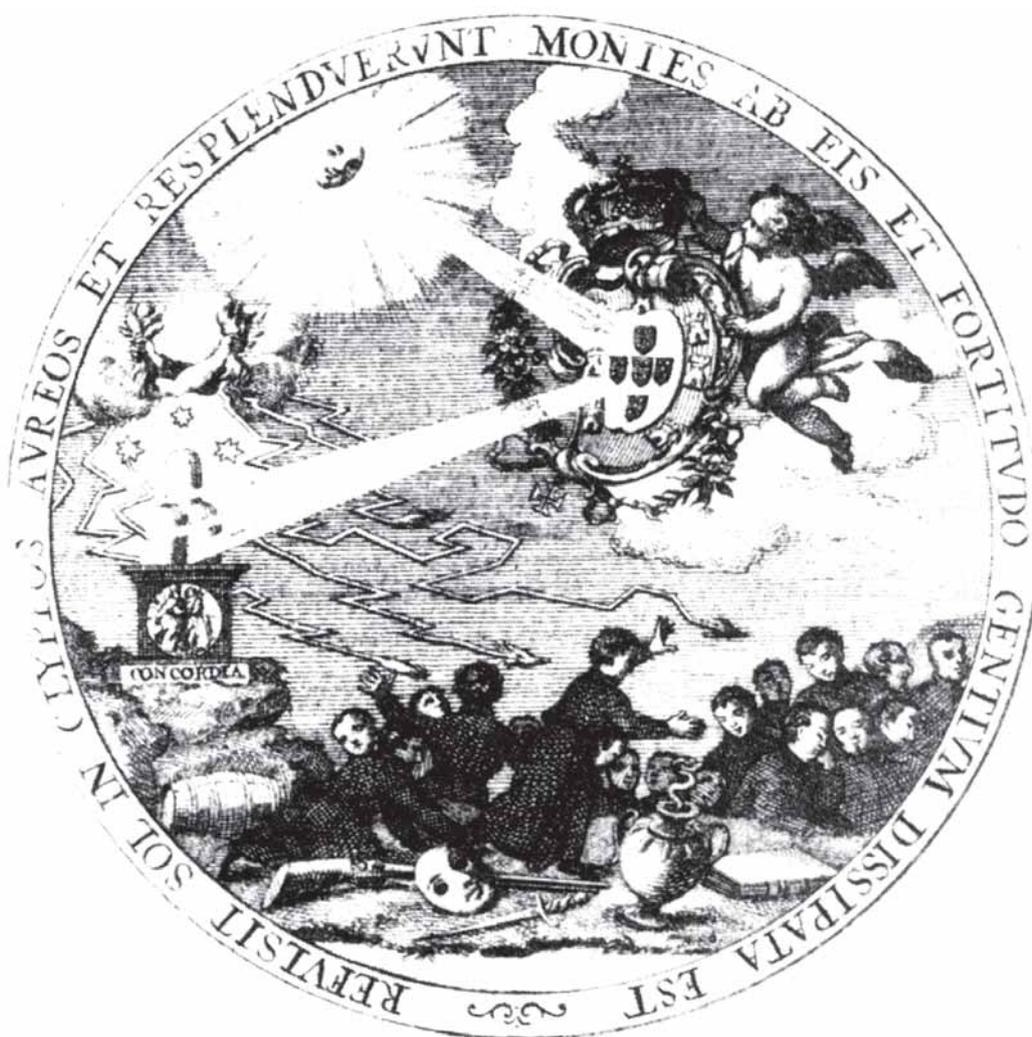
A publicação do monumental *Obras Poéticas de Basílio da Gama* equivale a um ato de justiça e necessidade. Várias inconveniências e verdadeiros obstáculos impediam a leitura das obras poéticas em seu conjunto. Poemas ainda dispersos em publicações avulsas e antológicas, textos mal impressos onde avultam as erratas e edições de questionável juízo crítico, tudo isso contribuía para que o acesso às obras menores de Basílio se tornasse demasiado dificultoso. Sanam-se, portanto, os aludidos empecilhos e erros com esta bela edição crítica com que nos brinda a coleção “Texto e Arte” da Edusp.

Na parte introdutória do livro, Ivan Teixeira oferece um singular estudo que se traduz no que ele denomina “uma leitura sincrônica de *O Uruguai*”. Tal denominação acredito ser um ato de modéstia do autor, pois na verdade seu estudo é mais complexo e opera de dois modos, sincrônica e diacronicamente. Na apreciação que se faz sobre a atualidade de *O Uruguai*, o salto é longo e vem até as *Memórias de João Miramar* de Oswald de Andrade, leitor cativante dos textos coloniais. Mostrando num primeiro momento a leitura que de Basílio fizeram os românticos (Gonçalves de Magalhães, Porto-Alegre, Gonçalves Dias), e depois um insigne modernista (Oswald de Andrade), Teixeira expande e enfatiza a considerável influência que *O Uruguai* exerceu sobre outros textos do gênero (*A Confederação dos Tamoios* e *Colombo*).

Outra linha que Teixeira percorre nesta primeira parte de seu trabalho é a da unidade do poema. Se hoje em dia a noção pode ter caído em desuso, especialmente para a crítica literária de última hora, ela importa aqui na medida em que alguns dos melhores comentaristas modernos do poema – a despeito de suas aclamações – enxergaram defeitos de composição. Teixeira é breve na sua defesa, mas taxativo e coerente em dar razões absolutamente plausíveis para considerar o poema como um todo bem desenhado, no qual as partes se relacionam harmoniosamente. Ficam ainda registrados, com afinco, no seu estudo, a enorme diferença de tom e de tema que *O Uruguai* guarda com respeito a uma épica contemporânea, publicada também em

1769, os *Eustáquidos* de frei Manuel de Santa Maria Itaparica; e a cuidadosa escolha de um modo de escritura poética que se adequou plenamente ao tema político-religioso. Em meio a tanta crítica de *O Uruguai*, estas lúcidas observações, que não tinham sido emitidas ainda, elevam o poema a uma categoria muito mais nobre, a dos textos lapidares. Menos inusitada, porém sempre bem vinda, é a constatação de que o poeta “tomou aquele ataque sangrento de europeus contra os índios... como um símbolo do choque desastroso entre a civilização européia e a cultura primitiva dos americanos”; é bem-recebida ainda porque reforça um elemento alheio ao gênero épico do momento. Entretanto, esta visão de Basílio não é exclusivamente dele, porque respalda-se na de um irmão espanhol – Alonso de Ercilla – que muitos anos antes já havia tocado neste tema dos conflitos culturais no nosso continente. Seja como for, a escolha de um modelo poético por Basílio, a *Araucana*, só pode enriquecer a veia nativista do poema brasileiro, dando-lhe vigor na representação dos elementos autóctones e conferindo-lhe atualidade na defesa feita ao índio. A parte inicial desta introdução termina com um útil apanhado histórico sobre os resumos feitos do poema, já a partir dos *Épicos Brasileiros* de Varnhagen, que aparece acrescido de novas versões narrativas abreviadas de Teixeira. Estas não são simples relatos seqüenciais do poema; antes procuram elucidar, por exemplo, o motivo do assassinato de Cacambo pelo infame padre Balda.

Na segunda seção da parte introdutória do livro, Teixeira exhibe o seu profundo conhecimento histórico da matéria tratada no poema e dos conflitos nas missões guaraníticas. Em sua minuciosa leitura crítica de *O Uruguai* recobram-se em várias ocasiões aquelas instâncias em que um leitor, pouco versado em história, teria dificuldades em apreender os significados circunstanciais alinhavados na sua tessitura poética. Desconheço outro melhor comentário do poema, em que o rigor e o respeito pelo documento histórico nunca impede que Teixeira busque em *O Uruguai* os modos coerentes e verossímeis de transformação do referencial, sem traçar necessariamente rí-



*Gravura que aparece em alguns exemplares da 1ª edição de O Urugay: reprodução de uma das faces da medalha comemorativa da extinção da Companhia de Jesus, feita pelo Papa Clemente XIV em 1773*

gidas simetrias entre as duas realidades, a histórica e a poética. O processo de transformação da matéria histórica criado por Basílio está meticulosamente estudado com vistas a mostrar ao leitor os produtos de uma imaginação fértil que não se entregava totalmente às preceptivas classicistas, ao contrário de Santa Rita Durão. Teixeira sublinha o humor na épica de Basílio, por exemplo, para dar conta de sua marota “rebeldia” frente ao cânone épico do Setecentos e para acentuar o seu insaciável desejo de modernizar. Da feliz combinação dessas agudas notas críticas e de um relato lúcido sobre as guerras guaranílicas com a contextualização de algumas passagens pouco claras do poema, Teixeira cria para o leitor um texto lingüisticamente límpido, possuidor de grandes virtudes: clareza de exposição, ilustra-

ção exemplar com mapas e gravuras, e enorme utilidade histórica e literária.

As dezoito páginas destinadas à “Análise da Abertura de *O Urugay*” servem de exemplo para o leitor que desejar dar continuidade às mesmas ou semelhantes pautas de análise literária utilizadas por Teixeira. Explico-me. Optando pela teoria estruturalista de Vladimir Propp, Teixeira traça um modelo das seqüências narrativas que é correto e eficaz. O anterior, portanto, já teria sido um trabalho de primeira ordem. Porém, soma-se a essas qualidades de sua análise a depurada sensibilidade de alguém que, em primeiro lugar, aproxima-se da literatura como um apaixonado, e depois como um sério conhecedor da história literária.

Assim, o que poderia redundar em um mero exercício mecânico de análise actancial do poema converte-se em ponto de partida

para lançar um olhar crítico às camadas mais profundas de *O Uruguai*. E aqui Teixeira se esmera no uso que faz da tradição poético-retórica e da lírica clássica, principalmente a partir de Virgílio.

Na seção seguinte, Teixeira se ocupa do terceiro mais longo poema de Basílio, o *Quitúbia*. Se é difícil para o leitor moderno conciliar as divergentes simpatias ideológicas expressa neste poema e em *O Uruguai*, respectivamente, não é menos fácil rechaçar a simpatia de Teixeira com o experimento estilístico realizado por Basílio, fazendo dele um precursor dos modernistas. A tese que o crítico propõe é convincente e como resultado vemos no *Quitúbia* um genial deslocamento: a entrada da música africana na trombeta européia, um traço por certo muito marioandradino ('um tupi tangendo um alaúde') e que se remete àquelas aspirações de modernizar do poeta mineiro, discutidas por Teixeira nos capítulos anteriores. Mas o desconcerto ideológico entre ambos os poemas poderia fazer-nos pensar também que, como sugeri mais acima, não haveria propriamente uma firme convicção de idéias no poeta que oscila entre os portugueses e os nativos americanos ou africanos. Quer dizer: na pior das hipóteses, a verdadeira ideologia de Basílio seria a que se desprende do *Quitúbia* e não de *O Uruguai*, porque neste ela se manifestaria artificialmente somente através da imitação de um modelo, a *Araucana*, que por sua vez respalda-se na *Farsália*, para criar a dupla homenagem dirigida aos vencedores (colonizadores) e vencidos (colonizados). Já num plano mais otimista, o descompasso basiliano justificar-se-ia em bases totalmente circunstanciais, sob as quais o poeta se sentiria puxado de um lado pela corte portuguesa, e de outro pela sua genuína simpatia pelo mais fraco. Mas deixo para o leitor a resolução de tão instigantes elucubrações.

O requinte da seção final dessa introdução se nota no cuidadoso exame bibliográfico que opera Teixeira para cada uma das quinze edições de *O Uruguai*. Nesses apontamentos encontraremos um labor filológico de primeira grandeza, nos quais o crítico vai indicando os acertos e deslizos das várias edições que na sua maioria pecam, infelizmente, pela abundância

de erratas vorazes que desgastam o poema.

A segunda parte de *Obras Poéticas de Basílio da Gama* reúne o maior poema do autor, o *Quitúbia*, *A Declaração Trágica*, odes, cantos, poesias diversas e os sonetos. Já foi dito deste livro de Teixeira que o crítico deveria ter incluído todos os poemas, inéditos ou não, de Basílio. Embora possamos lamentar esta ausência, ela não é de todo injustificável pois o crítico, adotando um juízo de valor literário, nos alerta para tal fato e indica as fontes para os interessados em uma pesquisa mais exhaustiva. Estamos seguros de que o tempo dará a Teixeira a oportunidade de revisitar esses textos de Basílio para explorar as controvertidas questões de autoria apontadas por ele. O trabalho principal já está feito, e o secundário ficará certamente para uma segunda edição de *Obras Poéticas*.

A parte número três, a última do livro, está composta de oito escritos biográficos e críticos relacionados com Basílio da Gama e sua obra. Nesta coleção, em que domina a nota ensaística, Teixeira teve o cuidado editorial de eliminar dados redundantes e procurou ser seletivo. Quando esta mesma seleção poderia parecer arbitrária com algumas das boas apreciações, Teixeira o faz com critérios justos. Esses escritos são na sua quase totalidade todos sobre *O Uruguai*, fato que vem confirmar a idéia de que é esta, na verdade, a maior obra do autor e que as menores, carentes de estudos, serão retomadas por Teixeira ou ficarão aguardando outro crítico do seu calibre que mostre o seu alcance e relevância. Concluindo, *Obras Poéticas de Basílio da Gama* é livro básico, cujo brilho nunca se apagará entre nós que estudamos a poesia luso-brasileira do século XVIII. Para o leitor curioso e desvencilhado da crítica literária, esta edição de Teixeira servirá de guia imprescindível na compreensão dos fundamentos históricos do primeiro reinado e das convenções poéticas que cercavam o mineiro e seus colegas. Finalmente, no caso dos leitores não familiarizados com Basílio e sua obra, as *Obras Poéticas*, pela sua linguagem cristalina e lapidada, abre caminhos para uma agradável e sofisticada apreciação de um poeta e de uma poesia antigas que agora aparecem renovados e modernos pela destreza e pelo talento do crítico.